

REVELAÇÕES DO MERCADO DAS PAIXÕES

JOSÉ VEGAR



Um esforço para a primeira liga

Com três exposições espectaculares, Gulbenkian, Fundação EDP e MUDE mostram que estão a dar tudo para entrar na primeira liga da arte global.

Há um bom sinal do mercado português de arte a ligar as exposições de Vhils (Museu da Electricidade – Fundação EDP), Edgar Martins (Fundação Gulbenkian), e André Saraiva (MUDE). O sinal é o de que, apesar de todas as limitações, as instituições portuguesas ligadas à arte estão a fazer um bom esforço para acompanhar as tendências contemporâneas. De facto, as três mencionadas exposições obedecem aos critérios de espectacularidade e acessibilidade, que são essenciais para um bom “blockbuster” artístico de Verão, sem o qual, convencionada – se actualmente, não é possível marcar a “cena” de arte de um lugar no circuito internacional. Por outras palavras, a visibilidade da exposição, e o seu poder de atracção de visitantes, tão importante para o turismo,

só se conseguem se existir um qualquer efeito fantástico, que pode vir do nome do artista ou do conteúdo da mostra.

Em qualquer dos três casos em questão esse efeito é atingido. Vhils vem da “street art”, tem nome no circuito europeu, e apresenta uma exposição construída por instalações, recomposições e destruições, subordinadas aos temas da paisagem urbana, que é a sua, ao caos e aos materiais usados. Edgar Martins é um dos nomes de referência da fotografia de grande dimensão e do aproveitamento de todas as capacidades tecnológicas e digitais do seu meio.

O seu trabalho, realizado na Agência Espacial Europeia, é, de novo, uma plataforma para a revelação de um mundo desconhecido. André Saraiva mostra no MUDE objectos essen-

ciais do seu percurso artístico, muito marcado também pela arte urbana e, em tempos mais recentes, pelo design. Os mais críticos poderão defender, com bons argumentos, que as exposições estão, exactamente, talhadas para o princípio do espectacular e que o objectivo de um projecto sólido é secundário. No entanto, o que se descobre quando se visita as exposições é que há uma ordem criativa forte, uma coerência e uma solidez interna. Mas, tão importante como o referido, não há dúvida de que qualquer uma das exposições cumpre os magnos critérios de hoje para a visibilidade no circuito global, e colocam Lisboa no mapa, com todos os efeitos secundários positivos que isso gera. Há efectivamente um bom caminho silencioso que está a ser feito pelas instituições e curadores portugueses, que merece vénia. **W**

O próximo passo

A NOTÍCIA TEM UMA CERTA COR, mas acaba por não surpreender. O grande MOMA de Nova Iorque vai ter uma mega – exposição em 2015 dedicada à compositora e cantora Bjork. Mais uma vez, é a tentativa em execução de os museus e outras instituições ligadas à arte não perderem relevância e visibilidade, conseguindo atrair os indispensáveis visitantes e publicidade. Este é já um novo estádio de opções estratégicas, que ainda tem resistência em Portugal. Uma exposição dedicada a um ícone musical, literário ou artístico português é um projecto ainda nos passos iniciais, provavelmente limitado pela timidez dos curadores.